

O CURRÍCULO DO PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA (SÃO PAULO – BRASIL): ENTRE AS FORMALIDADES E AS RESISTÊNCIAS DO LAZER¹

Cathia Alves²

Hélder F. Isayama³

Maria M. Baptista⁴

| 167

RESUMO

Recorte de uma pesquisa de teses doutorado, esta investigação relata as práticas do Programa Escola da Família (PEF – São Paulo/ Brasil). As ações do Programa Escola da Família (PEF) têm como objetivo ocupar o espaço escolar aos fins de semana com atividades/oficinas educativas, culturais e esportivas a partir de quatro eixos: saúde, trabalho, cultura e esporte; com a intermediação de bolsistas universitários, promovendo vivências e práticas de cunho esportivo, cultural, de formação para o trabalho e cuidados e prevenções com a saúde. Desse modo, temos como objetivo apontar e discutir a relação entre currículo e lazer como campos de conhecimento que se associam por ensinar modos de ser nas práticas desse Programa. Como estratégia de investigação, foram utilizadas a revisão bibliográfica, análise de documentos e a imersão no campo. O instrumento principal para coleta de dados foi a observação participante e um conjunto de entrevistas realizadas com doze educadores universitários que atuam no PEF. Para tratamento dos dados, recorreremos à análise de discurso foucaultiana. Ao compreender o currículo como um texto cultural, identificamos que o Programa tem dois currículos: um formal, que segue as orientações e diretrizes da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e fundamenta a organização das ações do Programa nos eixos de saúde, trabalho, esporte e cultura; e um currículo de resistência, considerado como espontâneo e descompromissado, que resiste em existir, pois a comunidade escolhe as práticas e participa das atividades que têm desejo e vontade, ocupam as escolas para jogar futebol de salão, tênis de mesa, ouvir músicas, fazer as unhas, se encontrar, conversar e passar o tempo. Assim, essa parte da tese apresenta os currículos do Programa Escola da Família por meio dos discursos dos educadores universitários que são os mediadores das ações, relatando a presença do currículo formal-prescrito, aquele que tem as atividades programadas e mais direcionadas e o currículo da resistência-elaborado, constituído e persistente nas e para as vivências de lazer.

PALAVRAS-CHAVE

Lazer; Currículo; Programa Escola da Família.

Introdução

Considerado como um espaço de multiplicidades de todos os tipos, o currículo dissemina saberes diversos, promove encontros “variados”, realiza decomposições, produz contágios “incontroláveis”, de acontecimentos “insuspeitados”, também organiza e delimita espaços (Paraíso, 2010a). Nesse sentido, o currículo, para além das políticas curriculares escolares, comunica-se com outros espaços e sentidos, desde a política educacional até expe-

¹ Trabalho apresentado durante o XII Encontro Internacional OTIUM e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais - Ócios e Resistências: Crescer e Envelhecer em Contextos Culturais Diversos.

² Professora do Instituto Federal de São Paulo – câmpus Salto – Brasil / SP alves.cathia10@gmail.com

³ Professor do Programa Doutoral em Estudos do Lazer. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Brasil/MG helderisayama@yahoo.com

⁴ Professora do Programa Doutoral em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro – UA mbaptista@ua.pt

riências culturais do cotidiano, como música, rádio, internet, cinema, jogos, brincadeiras, esporte, entre outros.

Paraíso (2010b) aponta que o currículo tem sido investigado por meio de artefatos culturais, encarados como práticas, conteúdos e vivências de lazer. Segundo a autora, essa conexão se dá pelos mais diferentes e diversos tipos de objetos, principalmente quando o lazer é considerado como dimensão da cultura e o currículo caracterizado como prática cultural ou texto cultural.

Deste modo, é possível compreender que o lazer e o currículo produzem sentidos e significados que formam, ensinam e contribuem para a constituição dos indivíduos, ou seja, ensinam modos de ser, são componentes do campo da cultura que promovem ensinamentos, propagam conhecimentos e saberes sobre diversos aspectos da vida humana.

Chamados de “máquinas docentes”, por Giroux (2001), ou “máquinas de ensinar”, pela Paraíso (2010a e b), o teatro, a tv, o cinema, o rádio, a internet, os jogos, as brincadeiras, as danças, as letras de músicas, as revistas, os jornais, as corporações (Disney), dentre outros, são artefatos que possuem um currículo e envolvem muitas vezes práticas e experiências de lazer.

Esses currículos não escolares precisam de investigação e compreensão, pois são artefatos que produzem saberes e conhecimentos, formam indivíduos e geram significados (PARAÍSO, 2010a e b). Compreender e desmontar esses artefatos, bem como entender como funcionam, é importante na luta por um mundo menos dominador, por experiências de vida mais dignas que contribuam para a formação pessoal das comunidades.

Giroux (2013), em oposição à reprodução social e cultural, toma o currículo como antagonismo, procurando superar o pessimismo e a imobilidade, propondo uma teoria da resistência. Para o autor, o currículo é uma forma de libertação e emancipação dos sujeitos, promove processos de criação, colaborando para um olhar pedagógico para além da educação estrutural formal.

Desse modo, investigamos o currículo do Programa Escola da Família (PEF), ação pública instituída entre os anos de 2003 e 2004 pela secretaria da Educação do Estado de São Paulo - Brasil, com objetivo de promover atividades, oficinas e vivências nos fins de semana em escolas estaduais. Na pesquisa, identificamos que nessas práticas estão implicadas questões pedagógicas e políticas que merecem investigação, pois possuem modos de ser e ensinar que podem ser ampliados para questões das abordagens dos currículos não escolares e seus artefatos culturais.

Portanto, o objetivo deste recorte da pesquisa é diagnosticar e relatar as práticas dos eixos cultura e esporte do Programa Escola da Família (PEF), como artefatos que promovem o vínculo entre currículo e lazer.

Compreendendo que o Programa Escola da Família expressa dois tipos de currículos: o formal e o de resistência.

Passo a passo

Baseada nos Estudos Culturais, por meio da análise textual e discursiva, essa investigação utilizou três estratégias de coleta de dados, a análise textual bibliográfica, documental e a pesquisa de campo.



Para investigação de campo utilizamos as técnicas de observação e entrevistas. As observações ocorreram durante oito meses de visitas a oito escolas de uma Diretoria Regional de Ensino da secretaria do Estado de São Paulo que oferta o Programa em vinte oito unidades, de suas sessenta e sete escolas. As unidades observadas foram escolhidas por acessibilidade e intencionalidade, considerando o número de atividades, o público atendido e o tempo de duração do Programa.

As observações foram guiadas por um diário de campo, os quais foram observados reuniões, eventos e dias de atividades. As entrevistas foram feitas em uma unidade que possuía o maior número de educadores universitários, respeitando o critério de saturação de dados. (eu não sei o que é esse critério. Será que precisa explicar?)

Foram realizadas doze entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado com sujeitos universitários do Programa Escola da Família, sendo cinco homens e sete mulheres, de 19 a 28 anos de idade. Os estudantes cursam: Educação Física (5 sujeitos); Administração de Empresas (5); Pedagogia (1) e Bacharel em Sistema de Informação (1).

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O tratamento dos dados ocorreu por meio da análise de discurso foucaultiana. Segundo Foucault (2013, p. 49) analisar discursos: “nada mais é do que a verdade reverberando... um jogo de escrita e de leitura. Se anula em sua realidade atendendo à significância”, ou seja, “o discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência” (p. 122).

O discurso foi fixado nos enunciados que estão presentes no mesmo tipo de formação discursiva. Desse modo, consideramos as regularidades, repetições, ditos, acontecimentos que produziram a formação dos discursos dos sujeitos educadores universitários.

Um Programa com um duplo currículo: formal e resistência

Vários estudos abordam temáticas que perpassam o campo do lazer, da cultura, do consumo e envolvem valores pessoais e sociais, como investigações sobre rede social, histórias em quadrinhos, manifestações musicais, filmes e elementos midiáticos (PINAR, 2011; SALES, 2010A, 2010B E 2014; FREITAS, 2010; CUNHA, 2010, 2011, 2014; SILVA, 2010), que operam com artefatos que possuem um currículo com transmissão de sentidos, nas representações e nos significados para uma determinada comunidade e ou grupo de indivíduos. Algumas pesquisas vêm se utilizando dessa abordagem do currículo para realizar investigações que estão conectadas ao campo do lazer. Dessa forma, é interessante perceber que, por esses artefatos, o lazer com sua facilidade de fluxo alcança as práticas da pedagogia, da cultura, do esporte, do currículo e da política.

Para Paraíso (2010b), o que se passa no “espaço” entre currículo e lazer é a cultura. Cada campo possui suas características e dilemas, entre eles, a cultura se situa como uma união que compõe e problematiza, perpassa todos os acontecimentos da vida e está situada no centro das relações sociais e, de forma privilegiada, no campo da linguagem. Dessa forma, o lazer, compreendido como uma “dimensão da cultura”, e o currículo, como “prática cultural” e um “texto cultural com representações interessadas”, são integradores e se complementam.



Paraíso (2010b) aponta que essa união entre lazer e currículo é fruto de mudanças ocorridas na concepção de discurso e de entendimento da linguagem do próprio currículo, ambos são compreendidos como discurso e como textos culturais. A autora caracteriza discurso como práticas que buscam tensionar as relações de poder, produzindo a própria realidade, com representação de texto que se constitui com significados e signos.

170 | Nesse cenário, o currículo é um discurso e um texto cultural que implica relações de poder-saber e faculta possibilidades de ver e dar sentido ao mundo. A cultura e o currículo ultrapassam as barreiras da formalidade e se sobrepõem aos muros escolares, o currículo cria vínculos diferenciados a partir de sentidos e de representações de vivências e de conteúdos do lazer.

Currículo e lazer complementam-se e tornam-se componentes que têm como base a cultura e a educação, mediados por dispositivos pedagógicos e políticos, suas abordagens se cruzam e, mais do que construção de conhecimentos, promovem experiências de pensamento, instrução, discernimento, percepção, domínio, comunicação, convivência pessoal e social. Os sujeitos saboreiam os aspectos culturais e educativos por meio de práticas, vivências e conteúdos do lazer que são compostos por um currículo.

Assim, tomar o currículo de um Programa de política educacional como o PEF, como um currículo formal e um currículo de resistência, é buscar articulação e aproximação com os estudos de currículo e culturas que estão fazendo eclodir no âmbito do lazer uma fundamentação em contribuição aos Estudos Culturais. Portanto, o lazer e o currículo passam a ter suas relações expandidas e dimensões ampliadas tanto na pesquisa, como na intervenção do profissional e nas experiências dos indivíduos, nesse contexto, o currículo formal e o de resistência não são concorrentes, mas integrados com ações e perspectivas diversas (ALVES, 2017).

O currículo formal tem como tema central a competência leitora, é sólido e baseia-se nos Eixos do Programa Escola da Família, formado pelos documentos do Programa. Ele procura manter e integrar as ações da semana com as ações dos fins de semana, traduz nas suas práticas a meta de redução das violências e ocupação do tempo da “família” com ações que formem para o trabalho e a saúde; oferta opções de esporte e cultura para comunidades de periferia que possuem pouco ou nenhum acesso a vivências de lazer. É um currículo com uma característica vertical, organizado de cima para baixo, a partir da Coordenação Geral do Programa até a gestão local (ALVES, 2017).

O currículo de resistência foi eleito como o currículo em ação. Criado pelas práticas e movimentos das comunidades e dos educadores universitários, está envolvido e espalhado nas ações informais do Programa, se dá pelas práticas do futebol, tênis de mesa, oficina de beleza e encontros para bate papos e festas. Não é de oposição ao currículo formal, mas sim de reação e luta, pois opera a partir de escolhas e ações criativas das pessoas e dos educadores universitários. Suas práticas são apropriadas por crianças e adolescentes que não querem uma continuidade das atividades da semana escolar e sim um rompimento com os modos de ser da escola. É um currículo mediado pelos sujeitos educadores universitários que atuam por duas motivações, a saber: manter sua bolsa de estudos e educar as crianças (tirá-las do espaço inseguro da rua e trazê-las para o espaço seguro da escola). O currículo de resistência é organizado horizontalmente, atravessando a gestão regional, local, os universitários, a escola e a comunidade (ALVES, 2017).



Desse modo, as práticas de lazer no âmbito de um Programa de política pública educacional têm um currículo, que envolve conhecimentos e saberes que são difundidos e expandidos. Esses aspectos podem ser visualizados em estudos que analisaram artefatos diferentes, como música, cinema, história em quadrinhos, notícias e redes sociais (GIROUX, 2001; SILVA, 2010; RIBEIRO, 2010, 2015; FREITAS, 2010; SALES, 2010, 2014; CUNHA, 2010, 2011, 2014; PINAR, 2007, 2011).

Portanto, o currículo formal e o currículo de resistência encontram-se, no PEF, com atividades fixas que ocorrem com ou sem mediação dos educadores universitários e com ou sem intervenção da Gestão Geral, Regional e local. Para identificar esse “currículo duplo” do Programa Escola da Família, fizemos o exame de aproximadamente oito meses do PEF; apontando características, olhando e analisando discursos de documentos, diálogos, convívios e entrevistas.

Esses discursos, com base em Foucault (1988), permitem a veiculação e produção de poder. Segundo o autor, não existe um discurso de poder de um lado e, em face dele, outro contraposto, pois os poderes circulam. Desse modo, ao olhar para a produção de discursos em torno do Programa, identifiquei a fabricação de um currículo duplo; os quais nomeamos de currículo formal e currículo de resistência.

Nesse trabalho especificamente trazemos à tona a discussão em torno do currículo de resistência.

O currículo de resistência

O “cantinho da beleza” é o espaço frequentado geralmente por meninas e mulheres que se reúnem para fazer as unhas, ouvir música e se socializar. Presente em seis unidades observadas e, possivelmente, presente em outras escolas, é visto aqui como uma oficina do currículo de resistência, pois representa um momento para as mulheres e as meninas se encontrarem com as universitárias e bater papo. É uma troca de conhecimentos e saberes entre a comunidade e as universitárias (em todas as escolas observadas são as mulheres educadoras universitárias que intermedeiam essa prática), abordam temas diversos como relacionamentos, política, problemas pessoais, cuidados com a beleza etc. Elas se reúnem, fazem unha, chapinha, ficam conversando, ouvem músicas e, muitas vezes, nem todas as meninas fazem unha ou arrumam o cabelo, mas estão próximas daquele modo de ser. Algumas universitárias responsáveis por essa oficina relatam que:

As meninas vêm fazer unha para conversar. Não, eu não ensino, elas só querem fazer. A gente só pinta mesmo, lixa e pinta (sujeito 1).

Às vezes eu não tenho material, então elas trazem os esmaltes diferentes e ficamos conversando (sujeito 8).

Já vem com o cabelo lavado, só secar e passar chapinha. Bater papo (sujeito 13).

Elas gostam de conversar, querem atenção, a gente fica ouvindo música, fazendo e conversando (sujeito 11).



A fala das universitárias que estudam Administração de Empresas, Pedagogia e Educação Física e que atuam com o “Cantinho da beleza” retrata a motivação e o interesse das meninas e das mulheres da comunidade pela beleza e pelo encontro, promotor de diálogos e conversas. Consideramos essa prática como parte do currículo de resistência porque as meninas não querem aprender a fazer unha e cuidar do cabelo, mas sim serem cuidadas e desfrutar de momentos de risos, conversas, ouvir músicas e encontrar outras meninas e mulheres, pela amizade e pelo momento de estar próximas. Elas entram e saem da escola quando querem, não marcam horários e não participam de outras oficinas. O “cantinho da beleza” comunica uma prática de lazer que flui de forma espontânea nas ações do PEF e resiste em existir, pois se contrapõe à lógica do Programa e se conserva pela adesão das meninas e mulheres das comunidades.

Desse modo, as falas das universitárias são discursos que precisam ser visibilizados, mostrados e reconhecidos, pela importância que esse encontro entre mulheres e meninas promove. São movimentos que geram impactos, podem contribuir para o deslocamento de micropoderes e produzir saberes em torno daquele momento (ALVES, 2017).

Esses ditos podem, muitas vezes, ser discursos pouco falados e ouvidos, mas que resistem e apontam a importância que a comunidade atribui a essa vivência no PEF. São discursos do currículo de resistência do Programa Escola da Família, que demonstram a realidade das práticas que podem ser qualificadas sem interferir na espontaneidade e nos modos de ser que se desenvolvem (ALVES, 2017; ALVES, BAPTISTA, ISAYAMA, 2017).

Foucault (2008) aponta que é necessário renunciar a temas que garantem a continuidade de alguns tipos de discursos e estar disposto a apoiar e recepcionar discursos que rompem em acontecimento, nesse momento e nessa dispersão permitir que seja repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado, escondido, ou que venha à tona e seja reconhecido como verdade.

Nessa conjuntura, os ditos do fazer unha para conversar e ouvir música representam o lazer das meninas e das mulheres, (segundo a fala dos universitários) que frequentam o PEF e compõem um discurso “verdadeiro”, que precisa vir à tona e ser valorizado. O “Cantinho da beleza” é uma oficina que não é procurada pela possibilidade de empregabilidade, mas pelo encontro e pela amizade.

A esse respeito, Marcellino (2008) as pessoas valorizam o lazer, entretanto a ressonância dessa necessidade é baixa. O autor aponta que quando se convive com as pessoas, é possível perceber a necessidade dos valores do lazer em suas vidas.

Ao examinar mais de perto os documentos relacionados aos eixos do esporte e da cultura (SÃO PAULO, 2004; SÃO PAULO, 2010, 2013, 2014, 2016), por serem aqueles que oferecem práticas mais caracterizadas como lazer, identificamos que os jogos, esportes, danças, encontros coletivos, festas, cinema, desenho, pintura de rosto e violão são as atividades do PEF que apontam elementos e características que compõem o lazer, bem como o “Cantinho da beleza”.

Compreendemos que as vivências de lazer num Programa de política educacional como o PEF são demarcadas por componentes de diversão, descanso e desenvolvimento pessoal e social. Fluem num tempo disponível ou não obrigatório, com um espaço adaptado para as vivências, por meio de atitudes satisfatórias e descompromissadas, conduzindo as pessoas a vivências críticas e criativas (DUMAZEDIER, 1976, 1980; MARCELLINO, 2004, 2005 e 2007;



ALVES, BAPTISTA, ISAYAMA, 2017).). Esse tempo de lazer, no âmbito dessas políticas, desenvolve sensibilidades, prazer e fruição lúdica, produz práticas sociais constituídas culturalmente em aproximação com as outras esferas da vida (MELO, 2011A E B, 2013; GOMES, 2014), portanto o PEF é operacionalizado com atividades de lazer, localizadas, predominantemente, nos eixos do esporte e da cultura.

O eixo esporte e as resistências

Os documentos de São Paulo (2004; SÃO PAULO, 2010b, 2013, 2014, 2016) apresentam para o eixo esporte uma abordagem relacionada à pedagogia da cooperação, que contempla a teoria dos jogos cooperativos e discursa sobre a cultura da paz e minimização das diferenças por meio dessas práticas. Segundo Martins e Grillo (2004), a Pedagogia da Cooperação contribui para mostrar e vivenciar as práticas esportivas de outras formas que não sejam somente competitivas e exclusivas do domínio de fundamentos das modalidades, mas que inclua e promova participação e cooperação. Além disso, o mesmo documento aponta que: “na área esportiva, há jogos, brincadeiras, atletismo, esportes coletivos, ginástica e artes marciais” (BARBOSA, 2004, p.27).

Todavia, na presente investigação, não encontramos as vivências de atletismo e nem as de ginástica, porém o tênis de mesa e o futebol de salão são praticados em todas as unidades observadas (oito escolas). Quanto à abordagem da teoria dos jogos cooperativos, fundamentando o eixo esporte, entendemos que ela serve à técnica da convivência como um dos modos de ensinar a ser sujeito no âmbito do PEF e se manifesta de outras formas no currículo de resistência, quando a comunidade insiste em jogar futebol e praticar tênis de mesa.

Bendrath (2010; 2011), em sua pesquisa, detectou que o eixo esporte é formado por práticas esportivas coletivas, principalmente pelo futebol de salão, devido à facilidade e à demanda da comunidade envolvida e do educador universitário, que organiza as ações. Em nossa pesquisa, também identificamos o futebol de salão como uma das práticas mais procuradas, bem como, o tênis de mesa.

O eixo esporte é conduzido por educadores que têm afinidade e gostam de esportes e não, necessariamente, têm formação em Educação Física. Marcellino (2003) e Isayama (2003) apontam que as intervenções de monitores – animadores - no lazer se dão inicialmente por suas habilidades e interesses pessoais e, posteriormente, pelas exigências do empregador e ou gosto das comunidades atendidas.

No contexto do PEF, notamos que alguns universitários e voluntários atuam nas oficinas de esporte numa perspectiva do treinamento (participam de campeonatos e organizam as oficinas como treinos aos sábados e domingos pela manhã), mas a maioria adequava as modalidades esportivas ao cunho recreativo e lúdico. Nessa direção, os meninos chegam, pedem a bola e se organizam para jogar (ALVES, 2017).

A prática do futebol e do tênis de mesa são vivências espontâneas, que fluem com ou sem a presença do educador universitário. São práticas desprentensiosas e integram o currículo de resistência, pois efetivamente acontecem, são duradouras. A comunidade apropria-se do espaço e quando a escola não oferta o material, as próprias crianças ou adolescentes trazem a bola e solicitam a montagem da mesa de tênis. Geralmente, a função dos Educadores Universitários é observar e “manter a paz” durante o jogo e organizar campeonatos e



jogos. Em algumas unidades escolares observadas, o futsal é organizado por um voluntário. O educador universitário é um mediador e intervencionista que negocia, dialoga e procura atender os desejos da comunidade ao propor ou organizar uma ação (ALVES, 2017).

174 | Existe uma predominância das práticas de futebol de salão e tênis de mesa em todas as oito unidades observadas. Na unidade C, por exemplo, o *skate* se faz presente por conta de um educador que tem habilidade e afinidade com essa modalidade, já na unidade B as lutas são contempladas, por meio da atuação de dois voluntários que oferecem sistematicamente *Kung Fu* todo domingo à tarde. Nas unidades D e F, o *slackline* está presente pela ação de universitários que têm habilidades com essa modalidade e a capoeira manifesta-se nas escolas A, C, D, E e F por parcerias estabelecidas com voluntários e pelas habilidades pessoais dos educadores universitários.

Foi possível identificar que, no eixo dos Esportes, as oficinas são práticas corporais coletivas e individuais, exemplificando essa questão, há práticas como: futebol, vôlei, basquete, tênis de mesa, dama e xadrez. Além do mais, observamos as práticas de torneio de truco, gincanas, passeio ciclístico, aulas de lutas, alongamento e capoeira. Explicamos que o cadastro de projetos esportivos é menor do que nos outros eixos (cultura, trabalho e saúde), entretanto as ações esportivas movimentam e atraem um público grande para a fruição dessas vivências. Portanto, consideramos que as práticas esportivas, formam um currículo de resistência, pois são ações escolhidas e praticadas de forma espontânea e prazerosa pela comunidade, com ou sem intervenção do universitário.

O eixo Cultura e as Resistências

Outro eixo sobre o qual nos debruçamos foi o eixo da cultura, descrito de forma mais aprofundada nos documentos e que, inclusive, apresentam a palavra lazer na frequência de cinco vezes ao longo de todo o texto do documento Ideias 32 (SÃO PAULO, 2004). A abordagem dada ao lazer nesse documento está relacionada à falta de espaço e de equipamentos de lazer e associada aos processos de educação, esporte e cultura. Além disso, há enunciações que abordam aspectos ligados à redução das violências e cultura de paz, conforme demonstram os trechos abaixo:

Assim, as escolas abertas aos finais de semana são espaços privilegiados para atividades de lazer, cultura, esportes e qualificação profissional, oferecendo uma alternativa de integração e formação de vínculos (p. 21).

É a escola aberta, organizada, propiciando prazer e lazer num trabalho cooperativo em que todos e cada um tem algo a oferecer e a construir (p. 29).

Abertura das escolas públicas nos finais de semana com atividades de esporte, arte, cultura e lazer, numa perspectiva de disseminação de uma cultura de paz e não violência e de promoção da cidadania e do desenvolvimento humano e social de adolescentes, jovens e suas comunidades, sobretudo aqueles em situação de vulnerabilidade social (p. 47).

Assim como nos esportes, o eixo cultura tem como uma de suas bases a pedagogia da cooperação, como um caminho que pode possibilitar aos indivíduos lidarem com as diferen-



ças (MARTINS E GRILLO, 2004). Observamos, nas práticas do Programa, que o eixo cultura integra diversos públicos, principalmente crianças e adolescentes; promove a integração dos educadores universitários em suas ações e; além disso, permite uma participação maior de alunos e professores da escola que, por conta dos eventos, participam das atividades no final de semana, como por exemplo, no “dia das mães”.

Nesse dia de “homenagem às mães”, a atividade foi composta por apresentações de coreografia e poemas feitos pelos alunos das unidades escolares, coadunando com a participação dos professores da escola. Os alunos ensaiaram aos fins de semana, observados e mediados por um educador universitário e pelo professor de Educação Física da escola. As apresentações e homenagens das escolas aconteceram em um sábado, em todas as unidades de ensino que compõem o PEF da diretoria escolhida (ALVES, 2017).

Essas ações têm a capacidade de agregar o público e integrar as demandas da semana e do final de semana. Assim, foi possível notar que o eixo cultura é o atrativo. Nele são cadastrados oficinas e eventos referentes às datas comemorativas, festas e danças e, também, são promovidas ações permanentes, formadas por atividades musicais, rítmicas e de socialização. Nessa perspectiva, a dança e o ouvir música integram o currículo formal e o currículo de resistência do PEF, pois a comunidade tem liberdade, liga o som, coloca para tocar as músicas que quer e, ao mesmo tempo, participa de ações solicitadas e dirigidas pela Secretaria da Educação, como algumas festas e homenagens. Geralmente, as músicas ligadas ao movimento *gospel*, *funk*, sertanejo, pagode e pop são as escolhidas pelas comunidades (ALVES, 2017).

São Paulo (2010b) aponta que o eixo Cultura envolve diferentes formas de manifestação artística e busca representar a expressão humana nas diferentes linguagens: teatrais, cinematográficas, corporais, musicais, plásticas, fotográficas, folclóricas e científicas. Esse eixo tem como meta “promover o (auto) conhecimento e o senso crítico dos participantes, colaborar para a formação da identidade e propiciar a experimentação de outros papéis no sentido de representações e encenações” (SÃO PAULO, 2010b, 2013).

Napolitano (2004) esclarece que a cultura vem sendo apresentada no PEF como articuladora entre a escola e a comunidade. O autor afirma que a relação entre escola e cultura visa o reforço da autoestima; o fortalecimento das identidades sociais e a ampliação do repertório de bens simbólicos disponíveis para os alunos e suas comunidades. O Programa pretende, ainda, alcançar a construção de uma “cultura de paz”, matizadora das relações sociais violentas, que é mais dramática quanto maior a exclusão socioeconômica das comunidades.

Pelas experiências sociais e coletivas que a cultura fomenta, é possível, na articulação entre escola e comunidade, atuar para a melhoria da autoestima das crianças e adolescentes, bem como contribuir para formação das identidades e alargar as vivências, costumes, hábitos e lazeres. Para Napolitano (2004), as práticas culturais ocupam um espaço necessário na vida dessas comunidades, oferecendo significados e reconstruindo o tecido social, reconhecendo culturas que parecem adquirir um novo sentido, levando a possíveis críticas de âmbito cultural.

Assim, o eixo da cultura foi formado com o objetivo de difundir diferentes manifestações artísticas, promovendo acesso e democratizando gostos e experiências culturais diversas dos participantes. Esse eixo é considerado como um dos principais, pois tem a possibilidade de abarcar públicos diferentes (SÃO PAULO 2010b, 2013). Nesse eixo, também estão presentes



as danças, o cine criança, aulas de música, as festas comemorativas e o desenho infantil (todas as unidades observadas ofertam essas atividades); o artesanato opera com o eixo da cultura e do trabalho e esteve presente em seis unidades escolares como oficina de meninas e de mulheres.

176 |

A comunidade precisa ter alternativas, ir vivenciando e conhecendo possibilidades que despertem o gosto e o interesse pelas divergentes práticas de lazer. Melo (2011a) sugere que esse processo representa uma “alfabetização cultural”, educar para além da escrita, para “os sons, olhares, paladares, sensações em geral. Potencializar e ampliar tais importantes dimensões humanas parece ser um apontamento necessário” (p.9). Desse modo, talvez não seja coerente definir um tema para o planejamento das ações, mas pensar nas estratégias para uma educação cultural ampla.

A produção dos discursos, em torno dos eixos cultura e esporte, partem das técnicas de governo da convivência e da não-violência, recrutando a cooperação como um dos valores para o objetivo do PEF se concretizar. A cooperação é usada como técnica de poder, para ensinar modos de ser menos violentos e mais pacíficos.

Segundo Ribeiro (2010), as correlações de força não existem sem movimentos de resistência e esses movimentos são inerentes às relações de poder, estão emaranhados e envolvidos nas redes. A resistência existe onde estiver o poder, se multiplica e integra estratégias e tecnologias de condução (FOUCAULT, 2003).

As relações de poder, tais como funcionam numa sociedade como a nossa, têm, para Foucault (2005), um fundamento, um ponto de ancoragem que representa certa relação de força estabelecida historicamente na guerra e pela guerra. Nesse cenário, o poder político tem como função reinserir essa relação de força de outros modos e em outros meios, mediante uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, nos corpos de uns e de outros, etc.

E ainda, onde há poder, há resistência, portanto, não existe especificamente um lugar de resistência, existem pontos móveis e transitórios que se distribuem por toda estrutura social, causando e levando a movimentos e circulação desse poder. Nesse contexto, o currículo de resistência, que abarca também o currículo em ação, é representado pela organização da comunidade, suas práticas espontâneas que fazem parte da cultura e contexto local. A comunidade do PEF demonstra essa mobilidade quando adere mais a algumas propostas do Programa do que a outras e comprova esse movimento quando ocupa as escolas para ouvir as músicas que querem, jogar as modalidades que têm desejo e para simplesmente sentar no pátio e ficar batendo papo, sem participar de oficinas ou práticas dirigidas e organizadas de forma sistemática (ALVES, 2017).

Desse modo, o lazer e o currículo possuem uma importância no âmbito escolar e podem contribuir para uma diversidade de processos educacionais, desde que sejam elaborados por escolhas e motivações pessoais que retratem o gosto das comunidades e que não sejam vistos e tratados de forma isolada dentro das unidades escolares. Assim, as práticas culturais vinculadas ao lazer possuem um currículo próprio, que seleciona, comunica e traduz formas de conduta, conhecimentos e subjetividades.



Considerações Finais

O PEF compõe-se por um currículo duplo, o formal e o de resistência. No currículo formal, o público cumpre e participa das atividades agendadas e programadas pela Coordenação; no currículo de resistência, as comunidades ocupam as escolas para as práticas de futsal, tênis de mesa e cantinho da beleza. O currículo de resistência foi eleito por representar o poder das pessoas de se articularem e elegerem as atividades que mais gostam de fazer aos fins de semana, esse currículo é flexível, divertido, improvisado e adaptável.

A partir dos discursos dos sujeitos universitários, foi possível inferir que o lazer é o principal motivo das crianças e adolescentes frequentarem as escolas, mais uma evidência para fortalecer e estruturar essas vivências nas escolas aos fins de semana.

Existe uma relação de saber e poder que ocorre o tempo todo nos discursos do Programa, o poder não é fixo, ele se move a partir de situações e circunstâncias. O Programa governa e é governado, bem como esse movimento acontece com todos os atores-sujeitos envolvidos nessas práticas. Os dispositivos de poder e saber das ações do Programa são instantâneos e sofrem e agem em constante mutação, existe um jogo de poder e saber entre os currículos do PEF e o currículo escolar.

Referências

- Alves, Cathia. **O Lazer no Programa Escola da Família: análise do currículo e da ação dos educadores universitários** (Tese de Doutorado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer. Belo Horizonte: UFMG/EEFTO, 2017.
- Alves, Cathia; Baptista, Maria M; Isayama, Helder F. O lazer e a atuação de estudantes como educadores universitários no Programa Escola da Família. **Licere**, Belo Horizonte, v.20, n.3, set/2017.
- Barbosa, Paulo A. A escola da cidadania. In: Costa, Adriano (org). **Escola da Família / Fundação para o Desenvolvimento da Educação – Caderno Ideias 32**. Diretoria de Projetos Especiais. São Paulo: FDE, 2004.
- Bendrath, Eduard A. **O programa Escola da Família enquanto política pública: políticas compensatórias e avaliação de rendimento**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2010.
- Bendrath, Eduard A. Avaliação do eixo esporte no Programa Escola da Família/UNESCO: uma análise a partir do princípio das políticas públicas. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 15, n. 154, Marzo de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Acesso em: 20 fev. 2012.
- Cunha, Marlécio M. da Silva. O dispositivo pedagógico da nordestinidade no currículo do forró eletrônico. In: PARAÍSO, Mar Lucy A. Pesquisas sobre currículos e culturas. Ed CRV: Curitiba, 2010.
- Cunha, Marlécio M. da Silva. Currículo, música e gênero: o que ensina o forró eletrônico? (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2011.
- Cunha, Marlécio M. da Silva. Afinidade e afinções pós-críticas em torno de currículos de gosto duvidoso. In: MEYER, Dagmar E. PARAISO, Mar Lucy A. (org) Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- Dumazedier, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- Dumazedier, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.



- Freitas, Daniela A. S. O currículo da escola municipal de vila abobrinha: o foco dos procedimentos. In: PARAÍSO, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010.
- Foucault, Michel. **História da Sexualidade v. I. A vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- Foucault, Michel. **Nascimento da Biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- Foucault, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- Gomes, Christianne L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.
- Giroux, Henry A. **Cultura, política y practica educativa**. Barcelona: Grão, Biblioteca de Aula, 2001.
- Giroux, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz T. (org). **Alienígenas na sala de aula Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 11 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- Isayama, H, F. O profissional da Educação Física como intelectual: Atuação no âmbito do lazer. In Marcellino, N, C. **Formação e Desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papirus, 2003.
- Marcellino, Nelson C. (org.) **Formação e Desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas: Papirus, 2003.
- Marcellino, Nelson C. **Lazer e Educação**. 11.ed. Campinas: Papirus, 2004.
- Marcellino, Nelson C. **Pedagogia da Animação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- Marcellino, Nelson C. **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007.
- Marcellino, Nelson C. Lazer e Sociedade: algumas aproximações. In: **Lazer e Sociedade Múltiplas Relações**. Campinas: Alínea, 2008.
- Martins, Rodolpho.; Grilo, Luiz. F. B. A pedagogia da cooperação no desenvolvimento de uma cultura de paz. In: Costa, Adriano (org). **Escola da Família / Fundação para o Desenvolvimento da Educação – Caderno Ideias 32**. Diretoria de Projetos Especiais. São Paulo: FDE, 2004.
- Melo, Victor A. O lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: ISAYAMA, Helder F. SILVA, Sílvio R. **Estudos do lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011a.
- Melo, Victor A. Sobre lazer, recreação e animação cultural: apontamentos (ou à busca de um espírito). **Revista Norte Mineira de Educação Física**, v.1, n.1, 2011b. Disponível em: file:///C:/Users/Catia/Downloads/22-63-1-PB.pdf Acesso 26 jun.2016.
- Melo, Victor A. Sobre o conceito de lazer. **Sinais Sociais**, v.8, n. 23. Rio de Janeiro, set-dez, 2013.
- Napolitano, Marcos. Cultura como instrumento de transformação social: limites e possibilidades. In: COSTA, Adriano (org). **Caderno Ideias 32**. Escola da Família / Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Diretoria de Projetos Especiais. São Paulo : FDE, 2004.
- Paraíso, Marlucy A. Currículo e Diferença. In: Paraíso, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010a.
- Paraíso, Marlucy A. Currículo e formação profissional em lazer. Isayama, Helder F. (org). **Lazer em estudo: Currículo e formação profissional**. Campinas: Papirus, 2010b.
- Pinar, Willian F. A Reconceptualização dos Estudos Curriculares. In: Paraskeva, João M. (org). **Discursos Curriculares Contemporâneos**. Edições Pedagogo: Portugal, 2007.
- Pinar, Willian F. Recolocar os estudos culturais nos estudos curriculares. In: Paraskeva, João M. (org). **Estudos Culturais, poder e educação**. Portugal: Edições Pedagogo, 2011.
- Ribeiro, Vândiner. Os sem terra no currículo da mídia. In: PARAÍSO, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010.
- Ribeiro, Vândiner. Paraíso, Marlucy A. Currículo e MST: conflitos de saberes e estratégias na produção de sujeitos. **Educ. Real**. v.40 n.3. Porto Alegre July/Sept. 2015.

- Sales, Shirlei R. **Orkut.com.escol@**: currículos e ciborguização juvenil. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, UFMG/FaE, 2010a.
- Sales, Shirlei R. Interface entre currículo escolar e currículo do Orkut: ciborguização da juventude contemporânea. In: PARAÍSO, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010b.
- Sales, Shirlei R. Etnografia + Netnografia + análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dagmar E. PARAISO, Marlucy A. (org). **Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- São Paulo, Secretaria de Estado da Educação. **Resolução SE nº 18**, de 05 de fevereiro. Dispõe sobre a consolidação das diretrizes e procedimentos do Programa Escola da Família e dá providências correlatas. São Paulo, 2010a. Disponível em : <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Subpages/Legislacao.html> Acesso: 01.09.2011.
- São Paulo, Secretaria de Estado da Educação. **Manual operativo do Programa Escola da Família**. São Paulo, 2010b. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/portal/projetos> Acesso, 10 de out, 2013.
- São Paulo, Secretaria de Estado da Educação. **Manual operativo do Programa Escola da Família**. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/portal/projetos> Acesso, 10 de out, 2013.
- São Paulo, Secretaria de Estado da Educação. **Manual operativo do Programa Escola da Família**. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/portal/projetos> Acesso, 20 de nov, 2014.
- São Paulo, Secretaria de Estado da Educação. **Comunicado SE-1**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/87148275/dou-secao-2-05-03-2015-pg-19> Acesso 04 de maio, 2016.
- São Paulo, Secretaria de Estado da Educação. **Manual operativo do Programa Escola da Família**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/portal/projetos> Acesso, 10 de mar, 2016.
- Silva, Maria C. Currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetividade dos/as infantis. In: Paraíso, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010.

